

O CAMINHAR , O CORPO E O MORRO DO QUEROSENE

Marcos Martins

Mestrando em Poéticas Visuais – (ECA/USP)

O caminhar coloca-se como um ato crítico e sensorial. É primeiramente por ele que estabelecemos a cumplicidade do ‘corpo’ na ‘cidade’, ambos são porosos, se intercomunicam e se contaminam, são sensíveis quando exercitados e atrofiados quando são tolhidos, de forma que a cidade é posta como campo para a experimentação artística através das intervenções urbanas, possibilitando a aproximação entre teoria e prática para o reconhecimento dos processos contidos em sua essência

O caminhar pode se apresentar ainda como um desnudamento dos sentidos para a construção dessas vivências, ao extrair das edificações, ruas e calçadas os cheiros, texturas e cores através do exercício de escuta dos ruídos que ressoam vibrantemente no silêncio, que mesmo mudo, constrói as relações entre corpo e lugar com olhos que buscam enxergar além do plano material, visadas que descrevem ‘o espaço’ pelos olhos do corpo – miradas que se fazem corpo através das formas construídas nas paisagens¹.

A ação de caminhar pelo Morro do Querosene pareceu-me justificar a necessidade de compreensão dessas ambivalências intrínsecas entre o ‘corpo no espaço’ e o ‘espaço destinado ao corpo’, ou seja, o corpo que se relaciona e interage com o meio através da arquitetura e paisagem e essas mesmas formações que estabelecem com o corpo uma ordem, forma ou linguagem para interação.

Ao caminharmos pelas ruas sinuosas do morro, elaboradas sobre a curva de nível do terreno, as esquinas iam se revelando uma a uma e com elas suas personagens, sua gente. Um rapaz que por ali passava se agrupou conosco, conhecedor do lugar, falava com entusiasmo da festa do boi e da bica, hoje cerrada por muros. Fomos ainda a residência de Dona Cecília, moradora antiga que nos recebeu com o coração em sua pequena mas

¹ Enquanto a paisagem é composta pelas formas construídas ou naturais, o espaço agrega este conceito às suas dinâmicas e funções sociais. Vide Milton Santos: **A natureza do espaço** Edusp, 2008, p.104)

aconchegante casa, com os olhos sorridentes e brilhantes, contou-nos mais do lugar, das festas, da diversidade e sobretudo das supostas trilhas dos *peabirus*, que ela acredita ali existir. Escutar suas crenças, mesmo sendo um imaginário, foi estimulante e desafiador para nos fazer perceber que a arquitetura é composta de todas estas coisas, não apenas daquilo que se ergue materialmente em formas, volumes, materiais e texturas, mas também e sobretudo de alma, de sonhos, de crenças, de histórias, de imaginários. De um corpo-presente, agente e encarnado. Experiência possível de se viver ao caminharmos pela cidade.